

Imagens: Até que ponto estas interferem na visão do professor sobre os alunos.

Autora: Fabíula Yoshida Monteiro; Orientadora: Carmen Lúcia Guimarães de Mattos.

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro fabiulayoshidamonteiro@hotmail.com

Introdução:

O ser humano envolvido socialmente é visto de acordo com suas características físicas e sociais. Essas características são as formadoras de nossa imagem social, que vem acompanhada de uma série de pré-conceitos e julgamentos. Enraizados historicamente em nosso modo de pensar e frutos de ações que não podemos mudar, esses pré-conceitos e julgamentos moldam a forma como cada indivíduo é visto e tratado pelo outro na sociedade. Para exemplificar ressaltamos aqui um trecho que descreve perfeitamente esta situação em sala de aula:

“Ele parava de trabalhar quando ela saía. A professora considerou este tipo de comportamento como de falta de motivação e acomodação, considerando este como um comportamento típico de um menino de zona rural que não aprende por falta de interesse e frequência às aulas[...]. (MATTOS, C.L.G. 2011, p.140).

Neste pequeno fragmento observamos que a professora culpa o aluno por sua dificuldade. Ao atribuir que o estudante não entende a matéria por ser um aluno/a de zona rural. Ela não somente o enquadra em um grupo com várias características que, aparentemente, não podem ser mudadas, como também simplesmente retira de si a culpa pelo não aprendizado do menino. Com isso o objetivo do presente texto foi expor os resultados encontrados durante a pesquisa etnográfica “Imagem e Educação”, sobre as consequências deste comportamento em sala através da leitura de diversos textos, estudos e notícias relacionadas ao assunto. Embasado nesses materiais, poderemos demonstrar o quanto uma visão preconceituosa pré-estabelecida pode atrapalhar o desenvolvimento pleno do aluno/a. O objetivo deste estudo é identificar nas pesquisas do Núcleo de Etnografia em Educação – NetEDU as possíveis causas do fracasso escolar. Em destaque, nas análises do estudo, percebeu-se que alguns professores nas pesquisas distorceram a identidade real do aluno/a, fazendo com que se

enxergassem de forma deturpada e acreditassem que são culpados por algo que não podem mudar e que não é pautado em nada.

Metodologia

O trabalho aqui apresentado utilizou de pesquisas do banco de dados do Núcleo de Etnografia em Educação – NetEdu, notícias contemporâneas acerca do assunto tratado, divulgadas no site G1.com da Globo e textos presentes nos Anais do Congresso de Estudos da Infância, ocorrido em 2017 no campus Maracanã, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. O material estudado discute o tema fracasso escolar e a construção da imagem social.

Resultados e Discussões

A análise das pesquisas estudadas, cuja o tema focava na imagem do(a) aluno/a(a) em sala de aula perante o professor/a permitiu concluir alguns pontos. Os(As) aluno/as(as) geralmente são estereotipados pelos professores e demais coordenadoras com base principalmente em três pontos: Aparência, quanto mais limpo e bem cuidado o aluno/a melhor ele é tratado; local de origem, aluno/as de zona rural ou de complexos mais pobres são considerados mais desmotivados, preguiçosos e menos propensos a gerar bons resultados pelos professores; e por último um detalhe que apareceu apenas no texto “O que dizem as crianças sobre as experiências no contexto da educação infantil?”(LANGFELDT.C.C.). Em um determinado trecho de Langfeldt (2017) é destacado que aquelas crianças cujos os pais levavam lanche para as professoras, eram melhores tratadas. Ou seja, o comportamento de alguns professores era benéfico se recebessem algo em troca. Com isso verificou-se que não somente fatores de preconceito influenciavam na visão dos professores sobre os/as alunos/as, como também a questão do interesse. Esse comportamento gerava complicações para as crianças que não recebiam devida atenção quando pertencentes a um destes três grupos. Elas eram culpadas pelos seus próprios fracassos, vistas como um problema, diminuídas em conversas entre os próprios professores e até mesmo entre os/as alunos/as, além de não receberem auxílio necessário quando solicitado. Essa situação, somada a outros demais fatores que não irei explorar nesse texto, gera comportamentos como: resistência ao trabalho, atraso perante os demais alunos/as, que, por sua vez, levava ao desinteresse pela aula, além de uma visão de culpa pelo próprio fracasso entre outros pontos que diminuía aos próprios aluno/as.

“Ronaldo, um aluno/a 12 anos, repetente 3 vezes, é um caso de resistência ao trabalho proposto pela professora. Ele trabalhou algum tempo na tarefa, mas ficou quieto a maior parte do tempo, sem fazer nada. Embora a professora se dirigisse a ele de uma maneira negativa 11 vezes durante o período de observação (40 minutos) ele não demonstrou nenhuma reação a ela. Ele continuou como se estivesse trabalhando por segundos enquanto a professora passava por perto. Ele parava de trabalhar quando ela saía.” (MATTOS, C.L.G. 2011, p.140).

Além do atraso e empecilho para os/as alunos/as, este comportamento de determinados professores, retira deles a culpa pelo atraso do estudante. Isso acarreta em uma certa acomodação do profissional, que não procura repensar seus métodos ou se adaptar as situações de cada aluno/a. Esse comportamento dificulta na aprendizagem do aluno/a e na evolução do professor/a.

Após a pesquisa nos textos já mencionados, o próximo passo foi a leitura das notícias, afim de traçar um paralelo para verificar se de fato este comportamento ainda ocorria em sala de aula. Na reportagem “Preconceito contra bolsistas muda conforme perfil da faculdade e pode ser combatido, dizem estudantes”, e ““A professora não gostava de pobre’: bolsistas criam página contra preconceito em universidade carioca”, respectivamente de 2018 e 2016, ocorriam trechos e relatos de aluno/as que alegavam que os professores tinham comportamento preconceituoso ou não aceitavam dividir a sala com os aluno/as bolsistas:

“Você é pobre? E bolsista? Não sabia que a PUC misturava o tipo de gente que estuda Relações Internacionais, até porque é um curso que exige inglês, né?”
Foi assim que um aluno/a da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a PUC-Rio, bolsista do ProUni e morador de um bairro do subúrbio carioca, diz ter sido recebido por um colega no primeiro semestre de aulas, durante um debate sobre cotas raciais.”
(trecho presente <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/10/a-professora-nao-gostava-de-pobre-bolsistas-criam-pagina-contrapreconceito-em-universidade-carioca.html>>).

Outro ponto era a falta de políticas públicas que garantissem a continuidade do aluno/a em sala de aula. Tendo em vista que os custos são altos e evidenciam mais as diferenças entre os estudantes, agravando a situação de pré-conceito. Todo esse descaso se reflete também no comportamento dos/as aluno/as entre si, o que culmina nos outros/as alunos/as enxergarem através da visão do professor/a e perpetuarem esse comportamento.

Conclusões

Ao fim da pesquisa pode-se concluir que os professores que perpetuam seus pré-conceitos através dos/as alunos/as, juntamente com a falta de políticas públicas que assegurem estabilidade a situação do aluno/a, gera um efeito em cadeia que reflete na visão do aluno/a sobre si mesmo e dos demais aluno/as sobre ele. Além disso, o interesse de alguns profissionais educadores em se beneficiar dos/as aluno/as mais bem providos, acaba por desmotivar o aluno/a menos provido, que muitas vezes acaba por sair da escola ou faculdade. Essa situação pode desenvolver uma educação elitizada, interesseira e com aluno/as desinteressados ou oprimidos ao ponto de se afastarem. Com isso, pode-se concluir que uma mudança nesta situação é urgente e necessária porque podemos estar contribuindo com o processo de exclusão e com o fracasso escolar.

Referências.

TENENTE, Luiza. Educação. G1, Rio de Janeiro, 18 Mar. 2018. Disponível em:<<https://g1.globo.com/educacao/noticia/preconceito-contrabolsistas-muda-conforme-perfil-da-faculdade-e-pode-ser-combatido-dizem-estudantes.ghtml>> . Acesso em: 29 Mar. 2018.

PUFF, Jefferson. Educação. G1, Rio de Janeiro, 07 Out. 2016. Disponível em:<<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/10/a-professora-nao-gostava-de-pobre-bolsistas-criam-pagina-contrapreconceito-em-universidade-carioca.html>> . Acesso em: 30 Jan. 2018.

HANSEN, F.(UFRS). As formações imaginárias e seus efeitos de sentido no ensino e na aprendizagem de criação publicitária . Educ. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 2, p. 465-476, abr./jun. 2013.

LANGFELDT.C.C. O que dizem as crianças sobre as experiências no contexto da educação infantil. p. 323 às 330. Congresso de Estudos da Infância (1. : 8-10 ago. 2017 : Rio de Janeiro, RJ). Anais do Congresso de Estudos da Infância. – Rio de Janeiro, 2017. 768 p. ISSN: 2594-5149

MATTOS, CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2.